

MUITO ALÉM DE SACAEA



Wellington Corporation

Introdução

“Eu sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno”

As divindades da época antiga, 4000 a.C à 1200 d.C foram comuns à muitas nações. Os cultos se fundiam com sacerdócios locais, os povos “importavam” deuses estrangeiros, deuses estranhos ou exóticos de terras distantes. Babilônia, Persia, Egito, Grécia e Índia compartilharam de diversas divindades. Muitas divindades persas um dia foram hindus ou mesmo babilônicas, despidas de seus “sarís” e vestidas de trajes persas. A “fusão” de religiões e a criação de novos cultos é uma característica fundamental da religião da antiguidade. E de muitos movimentos religiosos mágicos da atualidade. Atualmente concedem um nome simplista de “sincretismo religioso” a essa “fusão” de costumes, ritos, crenças, mas a realidade espiritual que isso traduz é muito maior que aparenta. Essa “mutação” dos deuses antigos em novas crenças, com novos rituais, realizado em novas culturas por outras famílias sacerdotais esconde uma trágica verdade, terrível constatação. Muitos “deuses” se tornaram deuses num processo de evolução. Os primeiros deuses dos povos eram seus próprios ancestrais transformados em espíritos protetores ou em fantasmas e espectros de maldade. Os ritos mortuários e a dedicação contínua de comida ou alimentação sagrada, oferendas, e a ADORAÇÃO os transmutava em seres mais poderosos, de espíritos protetores em chefes de espíritos, daí em semideuses, criaturas com poderes divinos, mas sem o status de deuses e finalmente em divindades que estavam sobre o domínio de um panteão superior ou da mais antiga delas. Na medida que os séculos passavam, os pais de um

clã, os mortos mais antigos, perdiam sua ascendência humana. Perdiam a história de suas famílias originais, perdiam os laços humanos das gerações a qual pertenceram um dia, também esquecida. Os sacerdotes então criavam uma COSMOGONIA. Concediam a estas divindades uma origem divina, uma família celestial. As famílias de deuses da antiguidade possuíam histórias, onde aconteciam como na humanidade terrena, diversas tragédias. Ao olhar para a história das divindades, sejam egípcias, babilônicas ou gregas, nós leremos nas entrelinhas histórias de paixões e de desvarios humanos, unidos a contos assombrosos e de magia, que retratavam de modo fidedigno a VIDA PALACIANA, as intrigas da família real, da antiguidade. Incesto, assassinato, luta pelo poder, rebeliões, traições, filhos ilegítimos, paixões proibidas e licenciosidade dos deuses eram um retrato do acontecia, da Joseon coreana ao palácio egípcio, da oligarquia de Atenas aos 16 reinos da Índia antiga, e também um retrato dos costumes dos antigos reinos africanos. A família real africana, de Gana à Aksum, de Mandika ao Congo, de Songhai ao Zimbábue, de Yourubá ao reino de Benin.

Muitos dos deuses de milhares de nações da antiguidade foram um dia somente seres humanos, homens e mulheres mortos, de origem esquecida, desumanizados, deificados. Isso é essencial para você compreender a opressão maligna contida em cultos de origem arcana, iniciados na antiguidade. No Brasil, divindades adoradas em diversos terreiros de religião africana são baseados em VUDUM, ou VODUNS, que originaram-se em espíritos de ancestrais divinizados. Mortos transformados em deuses. Vodum, vodun, voodoo ou vodu são termos que se referem aos vários ramos de uma tradição religiosa baseada nos ancestrais que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon do Benim, onde é, hoje, a religião nacional, com mais de 7 milhões de adeptos. Além da tradição fon, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas que lançaram raízes no Novo Mundo durante a época do tráfico transatlântico de escravos (século XVI -

século XIX) e que persistem até hoje, como o candomblé brasileiro, o vodu haitiano, a santería cubana, o vudu da Luisiana (Estados Unidos), etc. "Vodum" pode designar tanto a religião quanto os espíritos centrais nessa religião.

A tradição e a cultura dos escravos jejes, ewés, fons, minas, fantes e axântis deram origem no Brasil às tradições conhecidas como:

- Candomblé jeje: teve início em Salvador e no Recôncavo baiano, nas cidades de Cachoeira e São Félix e outras, depois migrou para o Rio de Janeiro, São Paulo em maior número.

- Tambor de Mina: ficou restrito a São Luís do Maranhão com a única casa de Jeje-Mina no Brasil que é a Casa das Minas.

- Xangô do Nordeste, Xangô do Recife, Xangô de Pernambuco ou Nagô-Egbá ou Jeje-Nagô: teve início na Região Nordeste do Brasil. Uma parte migrou depois para outros estados.

- Tambor do Golfo

Como a origem dos Voduns é de espíritos ancestrais, suas histórias refletem também as histórias ancestrais das paixões e deturpações humanas das tradições e intrigas da vida da família mais importante num sistema de governo baseado na monarquia da antiguidade. Na língua Yorubá, Egun tem o significado de **ancestral divinizado**.

As religiões da antiguidade passam por processos de sincretismo, de fusão, de mudança, de incorporação de novos sacerdócios, de novos ritos. Essa mutação é essencial para você entender que muitos deuses ancestrais, arcanos, divindades que já foram adoradas na Índia, no Egito, em Babilônia e na África, PERMANECEM HOJE SENDO ADORADAS, sob a sombra de novos nomes, de novas formas de culto, abraçadas por novas formas de sacerdócio, servidas através de novos tipos de sacrifícios, votos e oferendas. As vestes, a aparência, os atributos, os sacerdotes

mudaram, mas a essência dessas divindades ou espíritos de pessoas mortas, adoradas, permanece exatamente o mesmo que possuíam quando uma sacerdotisa egípcia se curvava num templo de Hathor.



Em Benin da antiguidade até os ossos de reis ou poderosos guerreiros vencidos em batalhas se tornavam em objetos sagrados detidos de poder espiritual. Por séculos famílias reais realizavam cultos em santuários que continham objetos fabricados a partir de crânios humanos, que se tornavam mágicos.

Em Abomé, **os ossos do ancestral mítico**, colocados num recipiente de cerâmica e cobertos por um montículo de terra, constituem o altar do vodum Aizan (Ayizàn), responsável pela proteção da coletividade.

Relíquias sagradas, a maior parte de pedaços mumificados, pedaços de ossos, partes mumificadas, cinzas guardadas em vasos especiais, pedaços de indumentária ou objetos pessoais tidos como relicários – pertencentes a ancestrais míticos, foram trazidos ao Brasil e muitos destes são guardados em templos e sacralizados, sendo usados de modo mágico.

Ao fazer uma oferenda em uma encruzilhada, é a um espírito morto, que morto permanece, que o homem contemporâneo está concedendo dignidade indevida. E que pertence a outrem.

SOBRE A FESTA CHAMADA SACAEA,

Todos os carnavais contemporâneos festejados pelo mundo afora nascem na festa de Sacea. Incluindo também a figura do rei Momo.

A tradição de corar um escravo e eleger um “rei” para a festa vem de Sacaia. Esse rei, um “bode-expiatório” foi transportado para os gregos que tinham no gordo Baco e no obscuro Dionísio seus deuses de festivais. A fusão de elementos culturais, literários e religiosos originaram a Momo, um(a) personagem sarcástico(a) que acabou expulso(a) do Olímpo, a morada dos deuses, por zombar de criações de Atena, Poseidon e Hefesto. Momo, na verdade, **era uma deusa**. Filha de Nix (divindade do sono), era a personificação do sarcasmo, reclamação e delírio, patrona dos poetas e escritores. Ela era representada usando uma máscara e balançando guizos. Por seu jeito irônico, acabou sendo expulsa do Olimpo. A consequência do exílio foi viver entre os homens na Terra. Em algum momento ela é representada por um homem, e se torna um administrador da festa. Como se Momo e Baco se tornassem uma coisa só. Na Grécia antiga, a figura do rei Momo foi sinônimo de festas e tratada como a mais alta autoridade local. Os gregos escolhiam um homem gordo, símbolo de fartura, como ícone de suas celebrações envolvendo bebidas e licenciosidade, orgias e coisas afins - e é daí que surge a inspiração para os dias de hoje.



Sacaea foi um antigo festival de Ano Novo Babilônico de cinco dias associado tanto a **Ishitar** e a **Marduk** como após, sob dominação persa, à Anaitis ou Anahita, (antiga deusa de guerra indo-iraniana, síriaca e também persa, identificada com a deusa grega Atena) e a Mitrah.

Anahita, é fruto da abreviação de Aredvi Sura *Anahita*. Esse era o nome *avestano* (nome dado pelos sacerdotes – Avestas, do Zoroastrismo, antiga religião persa) de uma figura cosmológica indo-iraniana que era venerada como a divindade das "águas" (Aban) e portanto, associado à fertilidade, à cura e à sabedoria. Aredvi Sura Anahita é Ardwisur Anahid ou Nahid em Persa médio e Moderno e Anahit em Armênio. Um culto de santuário icônico de Aredvi Sura Anahita foi, juntamente com outros cultos de santuário, introduzido aparentemente no século 4 a.C. Durou até que foi suprimido na sequência de um movimento iconoclasta (que destrói imagens de escultura) sob domínio dos Sassânidas (a Pérsia possuía uma linhagem real mista, parte oriunda da Média e outra

da Pérsia. O domínio Persa, era uma coalisão. A partir de Artaxexes I a família soberana que assume o poder é dos descendentes de Sasse.)

Os historiadores gregos e romanos da antiguidade clássica referem-se a ela como Anaitis e a identificaram com uma das divindades de seus próprios panteões. E com SEMIRAMIS.

Anahita possuía uma mitologia que a identificava com uma antiga lenda de uma cortesã, divinizada! Semíramis foi uma rainha mítica, uma concubina real de beleza ímpar que conquistou o coração de um antigo soberano assírio, e dependendo da versão, pela morte natural ou proposital do marido, assume a posição de soberana do reino da assíria, fortalecendo sua posição e conseguindo inclusive entronizar um filho. Tendo em vista a luta pelo poder de um palácio da antiguidade, para permanecer viva um rio de sangue necessitou ser derramado. Semíramis então morre ainda rainha, recebe um enterro real, e é divinizada. Centenas de anos após sua morte ela possuía templos espalhados pela mesopotâmia.

A festa de Sacaea ou o carnaval de Babilônia caracterizou-se pela embriaguez e comportamento licencioso, bem como uma inversão dos costumes e relacionamentos usuais. Os escravos dominavam seus mestres durante todo o festival, e um rei falso era selecionado dentre os criminosos. Depois de ser festejado e honrado por cinco dias, o rei fictício era executado (nos séculos anteriores, depois essa execução foi tornada em açoites e expulsão, e posteriormente só em práticas de humilhação) servindo assim como um substituto para o rei real, que deveria morrer a cada novo ano quando um novo rei nasceria.

O festival inicia-se como uma celebração babilônica do casamento de Ishitar com Marduk e posteriormente ganha o nome SACAEA instituído por Ciro, rei dos persas, quando ele marchou contra os sacas, ou povo de Cítia. Para deter o inimigo, ele preparou mesas repletas de iguarias às quais eles não estavam acostumados.

Enquanto eles se demoraram em saborear as iguarias, de emboscada foi capaz de destruí-los. Ele então faz uma homenagem ou celebra um culto a uma deusa local, no Irã, de nome Anahita. A partir daí ela ganhará o trono que um dia pertencera a Ishitar. Anahita será celebrada por uns 3 séculos. Até que um dia Alexandre o Grande vai até seu templo e ora pela cura de um amigo ferido em combate, e ele morre. Revoltado pela "desconsideração" da deusa Alexandre manda destruir seus templos.

A celebração do casamento de Ishitar com Marduk possui uma origem anterior que é Assíria. Inana e seu consorte, Dumuzi ou Tamuz.

Como dito na introdução, os deuses migram, são reinventados, transmutados, pela fusão de religiões antigas.

O território que corresponde ao atual Iraque foi conhecido na antiguidade com o nome de Mesopotâmia, termo grego que significa "entre rios". Nesse local, surgiu uma das mais antigas religiões, a mais antiga da humanidade de que se tem registros até o momento. O culto às deusas mães, na figura da deusa sumério/babilônica Inanna/Ishtar, foi perpetuado na cultura material e nos ritos praticados durante milênios na região do Antigo Oriente Próximo. Inanna era a deusa do sexo e do amor, estando a ela associados também elementos relacionados à fertilidade, à prostituição e às batalhas, sendo conhecida também sob os epítetos de Deusa do Amor, Estrela da Manhã e Estrela da Tarde.

Inanna suméria ou assíria é aquela que um dia será adorada como Ishtar babilônica. É ela que gerará uma festa religiosa que celebrava a união mítica, sexual, entre o rei e a deusa, para legitimar o poder, através de prostituição cultural. Tudo acontece dentro do solo iraniano, atual Irã, que foi capital da Suméria, e posteriormente capital de Babilônia e após da Pérsia.

Inanna e Dumuzi (TAMUZ), deuses mesopotâmicos ou sumerianos são relidos como Ishtar e Marduk, deuses babilônicos, depois como Anahita (que funde em si Ishitar/Inanna e Semiramis) como consorte de Mithra, já divindades persas.

(E vou parar de caminhar atrás nas areias do tempo. Tem ainda aquela que dará origem à Inanna, mas isso é outra história...)

Sacaea possui então, origem suméria, perpetua-se na babilônia, é oficializada na administração persa, é exportada aos gregos que a festejam em Dionísio, chega aos romanos que a incorporam as Saturnálias. (A Saturnália era um festival da Antiga Roma em honra ao deus Saturno, que ocorria em 17 de dezembro no Calendário juliano e mais tarde se estendendo com festividades até 23 de dezembro. O feriado era celebrado com um sacrifício no Templo de Saturno, no Fórum Romano, com um banquete público, seguido de troca de presentes em privado, festa contínua e uma atmosfera de carnaval que derrubava as normas sociais romanas: o jogo era permitido e senhores ofereciam serviço de mesa a seus escravos.) e finalmente chegou até nós através das festividades carnavalescas.

J Frazer em seu famoso livro "O ramo de Ouro" realizou um apanhado de relatos e reconstruiu essa antiga festa babilônica da Antiguidade.

Pelo fato de não compreender a transcendência do mágico nas Escrituras- seu desejo do anúncio de verdades espirituais em meio a um mundo mágico - ele erra em várias de suas conclusões, desconhecendo por completo a pessoa de Cristo e da conseqüente abrangência de suas representações. Por isso pensou que as religiões da Mesopotâmia influenciaram as festas bíblicas ou a construção da figura do Messias.

As Escrituras bíblicas vão muito além, nos seus paralelos com o mundo mágico, mítico e religioso da antiguidade, do que a

semelhança com **essa ou aquela festa pagã**. Ela transita entre todos os mundos, literários, sociais, religiosos, míticos e mágicos, **propositadamente**. As profecias na boca dos profetas, as visões do espírito de Deus e qualquer ato miraculoso ou prodígio profético desde o instante em que Arão joga sua vara que se transforma em serpente na frente dos magos egípcios, até a ressurreição de Cristo, são atos de afronta, de comparação, de desmitificação, de aprofundamento de milhares de anos de religião, debaixo do descabro da loucura humana. Todas as formas religiosas da antiguidade, absolutamente todas elas, serão contrastadas com as verdades espirituais e as revelações dadas pelos profetas, sem ficar absolutamente nada de fora. E com Marduk e Ishtar ou Astarte, não seria diferente.

Os profetas enfrentaram os mitos religiosos ainda em sua formação, a história da profecia bíblica acompanha os ritos mágicos, as religiões em transformação, a fusão de conceitos, a mudança de rituais, as visões cosmológicas e toda imaginação mágica da humanidade. Ishtar será 'convidada para dançar' pela vida e profecia na boca de Oséias, através da história de Gomer, as deusas da fertilidade serão expostas no seu caráter de prostitutas e de devassidão sexual inúmeras vezes deixando bem claro o conteúdo de licenciosidade dos cultos e seu caráter comercial. Os sacrifícios humanos serão execrados e até as cidades cuja religião se baseou na morte de crianças será tida como coisa maldita, destinada a destruição. Tamuz será objeto do choro de mulheres Israelitas e isso conduzirá a rejeição de um casamento espiritual, do abandono de uma presença santa e sobrenatural do templo, a shekinah, a glória divina, que dará as costas a uma geração que de costas para a arca do concerto, chorava a morte de um deus inexistente. Quando Ester nascer, haverá um acerto de contas profético com esse amante falsificado, divindade figurativa, consorte e amante sem poder, que inclusive morre na história mítica, que só servia para atender os anseios da esposa-deusa

insaciável e apoiar a legitimação do trono de outro, até que a próxima festa de rei-temporário qualquer ocorresse.

CONTINUAÇÃO SOBRE A FESTA DE SACAEA

Ela era realizada na Babilônia durante cinco dias do mês de *lous*, a partir do décimo sexto dia desse mês. Durante a sua realização, tal como nas Saturnais, amos e servos trocavam de lugar, e os segundos passavam a dar as ordens aos primeiros. **E, em todas as casas, um dos criados, vestido como um rei e com o título de Zoganes, era quem mandava.** Além disso, tal como nas Saturnais em sua forma original, quando um homem era vestido como Rei Saturno em roupagens reais e podia dar livre curso às suas paixões e caprichos, para, em seguida, ser executado, também na festa babilônica **um preso condenado à morte, que provavelmente também usava momentaneamente o título de Zoganes, era ataviado com vestes reais e podia agir como déspota, usar as concubinas reais e entregar-se à orgia e ao desregramento sem limites**, para depois ser despido de suas roupas reais, açoitado e enforcado ou crucificado.

Ora, a festa chamada Sacaea, descrita pelo sacerdote babilônio Beroso no primeiro livro de sua história da Babilônia, foi, plausivelmente, identificada com a grande festa babilônica do Ano-Novo, chamada de Zakmuk, Zagmuk, Zakmuku ou Zagmuku, e que se tornou conhecida em épocas mais recentes graças à leitura de inscrições cuneiformes.

A festa do Ano Novo, que ocupava pelo menos os primeiros onze dias de *nisan*, incluía provavelmente o equinócio da primavera. Era realizada em honra de Marduk, ou Merodach, o principal deus da Babilônia, cujo grande templo de Esagila, no centro da cidade, constituía o centro religioso da solenidade. Ali, numa câmara esplêndida do vasto edifício, acreditava-se que todos os deuses se reuniam nessa época, sob a presidência de Marduk, com o objetivo de determinar os destinos do novo ano, especialmente o destino do rei. Nessa ocasião, o rei da Babilônia tinha de renovar, anualmente, o seu poder real, segurando as mãos da imagem de Marduk, em seu templo, como se indicasse que recebia o reino diretamente da divindade e não poderia, sem a assistência e a autoridade divinas, conservá-lo por mais de um ano.

Outro aspecto dessa festa babilônica do Ano-Novo foi o casamento cerimonial do deus Marduk. Um hino relacionado com a solenidade diz que o deus "...se apressou para seu casamento...". A festa era muito antiga, pois era conhecida de Gudéia, um velho rei da Babilônia do Sul, reino que floresceu de dois a três mil anos antes do início da nossa era, e *é mencionada numa antiga descrição do Grande Dilúvio*.

Num período muito posterior, é repetidamente mencionada pelo Rei Nabucodonosor e por seus sucessores. Infelizmente, as informações sobre essa festa babilônica do Ano-Novo que nos chegaram tratam principalmente de seu aspecto mítico e pouca luz lançam sobre a maneira pela qual era celebrada. Portanto, sua identidade com a festa Sacaea deve permanecer, no momento, como uma hipótese mais ou menos provável. Em seu favor podemos alegar a declaração muito significativa de que o destino do rei era determinado pelos deuses, sob a presidência de Marduk, na festa de Zakmuk ou do Ano Novo. Se lembrarmos que a característica central da festa Sacaea parece ter sido a de prolongar a vida do rei por mais um ano graças ao sacrifício vicário de um criminoso na cruz ou na forca, poderemos compreender que o período era crítico para o rei e que bem pode ter sido considerado

como decisivo para seu destino durante os doze meses seguintes. A cerimônia anual da renovação do poder do rei pelo contato com a imagem do deus, que constituía um aspecto destacado da festa de Zakmuk, seria realizada, muito adequadamente, logo depois da imolação ou sacrifício do rei temporário, que morria em lugar do verdadeiro monarca.

Outro argumento em favor da identidade desta festa é proporcionado pela conexão que se estabeleceu entre ambas e a festa judaica Purim. A festa Purim era, e ainda é, realizada no décimo quarto e no décimo quinto dias de *adar*, o último mês do ano judaico, que corresponde aproximadamente ao mês de março. **Assim, a data coincide aproximadamente, embora não exatamente, com a da festa de Zakmuk babilônica, que caía uma quinzena depois, nos primeiros dias do mês seguinte de *nisan*.**

Se o elo que liga a festa Purim com a festa de Zakmuk é razoavelmente forte, a cadeia de evidências que relaciona a festa judaica com a Sacaea é bem mais forte.

A identidade é proposital. Os judeus estão em sua diáspora em Susã, espalhados por cidadelas da antiga Babilônia, sob nova direção, o recém-chegado império Medo-Persa. Na diáspora os judeus não possuem organização administrativa, não possuem sacerdócio e nem poderio militar. Não possuem soldados ou identidade nacional. Estão indefesos, espalhados, sobreviventes das tragédias espirituais que viabilizaram as tragédias sociais que culminaram em guerra e destruição nacional.

As sinagogas nasceriam nessa situação. O Espírito de Deus então criará uma heroína, não uma personagem de ficção mítica como **Astarte**. Mas, de carne e sangue, da mais baixa classe social existente na época, na pior situação social e familiar que poderia ser concebida, cativa, prisioneira, escrava, órfã. E a partir dessa premissa, reconta a essência do amor espiritual verdadeiro,

descortina o significado de eleição, deixa uma história que mostra a providencia, a separação, os princípios de dignificação.

O livro de Ester é o evangelho pregado a Babilônia e ao mundo persa.

Um resumo do livro de Ester é que uma moça judia de nome Ester é convocada para um concurso de beleza, para um desfile, em virtude dos conselheiros jovens ao rei persa Assuero. Após diversas batalhas e vitórias Assuero decide dar uma grande festa e convida pessoas de status numa celebração que duraria semanas. Possuindo uma jovem esposa de grande beleza, decide apresentá-la a centenas de convidados, porém, ela se recusa, deixando-o em difícil situação. O dono de um império internacional não possuía nenhuma autoridade sobre a própria esposa, a rainha Vasti. O rei aconselhado decide bani-la e quando sente saudade é impedido de reencontrá-la pelos conselheiros que o aconselham a desposar uma jovem. Milhares são convocadas e conduzidas a Susã, e após um tratamento especial cosmético de seis meses são apresentadas ao rei que escolhe Ester. Ester escondeu sob ordens do tio sua nacionalidade. Enquanto estava no palácio, um vizir mal-caráter fica ofendido, o nefasto **Hamã** porque um judeu, justamente **Mordecai**, tio de Ester, se recusa a reverenciá-lo e num ato de vingança desmedida resolve conseguir um decreto que pudesse não somente matar a Mordecai, como a todos os descendentes judeus que habitassem nos domínios persas, que se estendiam por 127 províncias que era praticamente todo o mundo civilizado de então. Em desespero Mordecai pede que Ester interceda diante de Assuero, ela se amedronta de início e depois decide o risco de apresentar-se sem ser convocada, dentro do jardim sagrado, quase equivalente a "pedir para morrer". Ela convida o rei e a Hamã para um jantar, após Hamã já estar de posse do edito e faltando poucos dias para cumprimento da ordem de extermínio. São dois jantares. No primeiro ela solicita ao rei que jante com ela e Hamã, onde declarará o que deseja. Entre os dois

jantares há diversas situações fantásticas que ocorrem. Hamã é convidado ao palácio para receber a convocação de participar do jantar. Ao voltar encontra-se com Mardoqueu e decide preparar em sua propriedade uma força gigantesca para ter ele mesmo o prazer de matar ao judeu despeitado. Seus trabalhadores iniciam na mesma noite a construção da força. Nessa noite o rei Assuero é tomado de insônia. Manda trazerem uma crônica real, coisa burocrática, para que sua leitura lhe dê sono. A biblioteca possui milhares de volumes em centenas de línguas. Escolhido a esmo a crônica lida relata o caso de uma tentativa de envenenamento do rei que só não foi adiante por ser descoberta por um oficial do reino. Seu nome, Mordecai. O rei pergunta se ele foi recompensado, eles dizem que nada foi feito. Indignado ele deseja recompensar a Mordecai. Na manhã seguinte o inquieto Hamã decidiu pedir a cabeça de Mordecai mais cedo, para mata-lo antes mesmo da data de execução do decreto de extermínio, mas o rei lhe questiona primeiro sobre o que ele deveria fazer para alguém que lhe é de seu apreço? Hamã imagina ser para ele o presente e pede algo faustoso, sentar-se no cavalo real, vestir as vestes reais, ser presenteado com posses e ouro e ter um oficial conduzindo o cavalo pela cidadela de Susã gritando à sua frente: "Assim fará o rei a pessoa que lhe apraz!" O rei ordena que ele faça isso com Mardoqueu. Sem escolha ele fica a manhã inteira gritando pela cidade desfilando com Mardoqueu. Ao anoitecer é o jantar com Ester. No jantar ela confessa sobre a existência de um edito, maquinado por um oficial que ordena a sua morte. Então declara que ela é judia. O rei sai indignado do jantar, Hamã vai até Ester para suplicar por sua vida, mas tropeça e cai sobre ela, no momento que o rei volta para a sala de jantar. O rei interpretou aquilo como uma tentativa de estupro. Naquela noite Hamã é enforcado. O rei Assuero edita um novo decreto, pois não pode anular o primeiro, concedendo direito de defesa ao povo judeu. Que resiste aos ataques dos inimigos e vence. E a partir daí é gerada a festa de Purim.

Os dois dias de festa, de acordo com o autor do Livro de Ester, deveriam ser mantidos para sempre como "dias de banquetes e de alegria, e de todos mandarem presentes uns aos outros e, aos pobres, dádivas". E esse caráter alegre da festa parece ter sido sempre conservado. Na verdade, a festa Purim já foi descrita como *as bacanais judaicas*, e que nessa época, tudo seria permitido, desde que contribuísse para a alegria e a felicidade da festa. Há uma deturpação posterior, após a diáspora judaica, do sentido da celebração original. Autores do século XVII afirmam que, durante os dois dias, e especialmente na véspera do segundo dia, os judeus não faziam outra coisa senão comer e beber até não poderem mais, tocar, dançar, cantar e divertir-se; em particular, travestiam-se: homens e mulheres trocavam de roupa e, assim fantasiados, *corriam pelas ruas como loucos, desafiando abertamente a lei de Moisés, que proíbe expressamente aos homens se vestirem como mulheres e vice-versa*. Esse exagero era uma brincadeira **acrescida** aos festivais originais. Se examinarmos a narrativa que pretende explicar a instituição da festa Purim, veremos *este parentesco* (não confundir com origem) babilónico, como também certas analogias singulares com as da festa Sacaea.

(a base desse parágrafo anterior é uma abordagem original de George Frazer, que não conhecia Fator Melquisedeque, nem a variedade das representações bíblicas do Evangelho nas áreas lúdicas, de dança, artísticas, literárias, culturais e mágicas. Frazer não era biblicista – A festa de Ester viria a sofrer influências mundanas – ela se transformou numa espécie de carnaval após a idade média - mas entre a festa original e sua 'deturpação' há um período de cerca de 1500 anos – os acontecimentos do livro de Ester são de cerca de 470 anos a. C – os relatos de interpretação carnavalesca são de 1700 d. C).

O Livro de Ester versa sobre a sorte de dois homens, o vizir Hamã e o desprezado judeu Mordecai, na corte de um rei persa. Mordecai,

pelo que a história nos diz, ofendera mortalmente o vizir, que, por isso, mandara levantar um alto patíbulo, no qual esperava ver seu inimigo enforcado, enquanto ele próprio acreditava que receberia a mais alta marca do favor real: **a permissão de usar a coroa e as vestes reais e, assim paramentado, atravessar as ruas montado no cavalo do próprio rei, seguido por um dos mais nobres príncipes, que deveria proclamar à multidão sua exaltação e glória temporárias.** Mas as intrigas do maldoso vizir fracassaram e resultaram precisamente no oposto do que ele havia esperado e desejado, pois as honras reais que ambicionava foram concedidas ao seu rival Mordecai, tendo sido ele, vizir, enforcado no patíbulo que preparara para seu inimigo. **Há nessa história uma reminiscência, mais ou menos confusa, do Zoganes da festa Sacaea, ou seja, do costume de investir um homem comum das insígnias da realeza por alguns dias e em seguida dar-lhe morte no patíbulo ou na cruz.**

Porque Mordecai simbolizará uma realidade futura – A paixão e morte do Messias - com base nas histórias que os babilônicos escutavam desde o nascimento.

Frazer observou que, correspondentes aos dois aspirantes rivais à realeza temporária, há, na narrativa judaica, duas rainhas rivais, Vasti e Ester, uma das quais ascende à alta condição de que a outra é menosprezada.

Além disso, devemos notar que Mordecai, o candidato à realeza simulada que obtém êxito, e Ester, a candidata bem-sucedida à condição de rainha, são ligados por laços estreitos de interesse e sangue, pois são primos. Isso sugere que, na história original, ou no costume original, podem ter figurado dois pares de reis e rainhas, dos quais um par é representado na narrativa judaica por Mordecai e Ester, e o outro, por Hamã e Vasti.

Há um patamar de paralelos que vão se desdobrando no decorrer do livro de Ester.

O nome **Mordecai**, que não tem sentido em hebraico, é apenas uma forma levemente modificada de **Marduk** ou Merodach, nome do principal deus da Babilônia, cuja grande festa era o Zakmuk; e mais, admite-se geralmente que Ester é, da mesma forma, equivalente a Ishtar, a grande deusa babilônica chamada pelos gregos de Astarte e conhecida também como Ashtaroth.

O Espírito de Deus recontava de modo magistral a história de Marduk e Ishtar através de Mardoqueu e Ester! A doçura com que ele retrata aspectos da história e da providência são uma releitura da devassidão de um modo muito casto.

A essência das festas possui significados espirituais, mas o que se fazia era puro bacanal. ***A religiosidade da antiguidade tem motivos bons, mas eram de prática abominável.***

Ao aproximar-nos do mundo mágico o Espírito age como quem esculpe gemas preciosas, com olhar crítico, com habilidade de um mestre, ele trabalhará as histórias para deixar o que do contexto da imaginação mágica humana, não está envenenado. O que não é mortal ao consumo espiritual, o que não foi deturpado.

Todas as Escrituras mergulham de cabeça, por assim dizer, neste contexto mágico da antiguidade, e somente o Espírito de Deus poderia nadar em águas tão contaminadas pela espiritualidade pagã e nos conceder os recursos evangelísticos necessários para falar de coisas espirituais verdadeiras, a partir de um contexto tão religioso.

Zoganes da festa de Sacae pode ser visto em Hamã e Mordecai. Zoganes, durante seus cinco dias de função, personifica não apenas um rei, mas um deus, fosse ele o babilônico Marduk ou qualquer outra divindade ainda não identificada. A união das personagens divina e real numa única pessoa é tão comum que não nos devemos surpreender de encontrá-la na antiga Babilônia.

E a interpretação de que o rei simulado da festa Sacaea morria como um deus na cruz ou na forca não é nova. O arguto e erudito Movers observou, há já muito tempo, que "estariamos esquecendo a significação religiosa das festas orientais e a ligação da festa Sacaea com o culto de Anait se tratássemos como simples brincadeira o costume de fantasiar um escravo de rei. Podemos considerar como certo que, com a dignidade real, o rei da festa Sacaea assumia também o caráter de um governante oriental representante da divindade, e que, quando buscava o prazer com as mulheres do harém do rei, desempenhava o papel do próprio Sandan ou Sardanapalo. **De acordo com as antigas idéias orientais, o uso das concubinas reais constituía um título de pretensão ao trono**, e sabemos, por Dio, que o rei de cinco dias tinha plenos direitos ao harém".

Unindo as tradições mágicas da antiguidade

"Também inclinamo-nos a encarar com simpatia a conjetura suplementar de Movers de que uma escrava pudesse ser escolhida para desempenhar o papel da rainha divina, associada ao papel de rei divino que cabia ao Zoganes, e que reminiscências dessa rainha sobreviveram no mito ou na lenda de Semíramis. De acordo com a tradição, Semíramis era uma bela cortesã amada pelo rei da Assíria, que a desposou. Ela conquistou o coração do rei a tal ponto que o convenceu a ceder-lhe o reino por cinco dias e, tendo assumido o trono, empunhado o cetro e envergado as vestes reais, organizou um grande banquete no primeiro dia, mas, no segundo, fez encerrar o marido na prisão ou o mandou matar e, a partir de então, reinou sozinha. Além disso, já se mostrou que o culto da deusa persa Anait, ou Anahita não só foi modelado pelo culto de Astarte em geral, mas que corresponde também à modalidade particular desse culto que se associava especificamente ao nome Semíramis."

"A identidade de Anahita com a mítica Semíramis é evidentemente provada pela circunstância de que o grande santuário de Anahita

em Zela, no Ponto, foi, na realidade, **construído sobre um túmulo de Semíramis**. Provavelmente o antigo culto da deusa semita tivesse perdurado mesmo depois de ter sido o seu nome semita Semíramis ou Astarte modificado para o nome persa Anahita, talvez em obediência a um decreto do rei persa Artaxerxes II, que difundiu esse culto pelo oeste da Ásia. É muito significativo não só que a festa Sacaea fosse realizada anualmente nesse antigo local de culto de Semíramis ou Astarte, como também que toda a cidade de Zela houvesse sido primitivamente habitada pelas escravas e prostitutas sagradas, governada por um sumo pontífice que a administrava mais como um santuário do que como uma cidade. Podemos supor que, anteriormente, esse rei sacerdote tivesse, ele próprio, encontrado morte violenta durante a festa Sacaea, como o amante divino de Semíramis, enquanto o papel da deusa era desempenhado por uma das prostitutas sagradas.”

A probabilidade de que assim fosse fica muito fortalecida pela existência do chamado túmulo de Semíramis sob o santuário. Isso porque os túmulos de Semíramis, distribuídos por toda a Ásia ocidental, teriam sido os túmulos de seus amantes, aos quais ela enterrava vivos.

Segundo a tradição, a grande e sensual Rainha Semíramis, receosa de contrair matrimônio legal para que seu marido não a privasse do poder, admitia em seu leito os mais belos soldados, mas para depois destruí-los. Ora, essa tradição é uma das indicações mais seguras da identidade da Semíramis mítica com a deusa babilônica Ishtar ou Astarte. O famoso poema épico babilônico que narra os feitos do herói Gilgamesh nos conta como, quando este se vestiu com os trajes reais e colocou sua coroa na cabeça, a deusa Ishtar tomou-se de amores por ele e o cortejou para seu consorte. Mas, Gilgamesh rejeitou suas insinuações insidiosas, pois conhecia o triste destino de todos os seus amantes, e censurou a cruel deusa, dizendo:

"A Tamuz, o amante da tua juventude, fizeste-o chorar a cada ano. Ao colorido pássaro allallu amaste: Nos bosques ele está, e se lamenta: Ó minhas asas!" Amaste o leão de força perfeita, Sete vezes sete armadilhas lhe preparaste. Amaste o cavalo que pelos campos se alegrava E com chicote e esporas e rédeas o fizeste marchar. E o obrigaste a andar por sete duplas horas, forçando-o quando estava cansado e sedento. À tua mãe, a deusa Silili, fizeste-a chorar. Também amaste um pastor do rebanho, que constantemente te enchia a taça para as libações E todos os dias abatia carneiros para ti. Mas tu o golpeaste e o transformaste num lobo, para que seus próprios companheiros o perseguissem E seus próprios cães o estraçalhassem".

O herói também conta o fim miserável de um jardineiro a serviço do pai da deusa. **O desafortunado camponês foi honrado com o amor da deusa, mas quando ela se cansou dele, transformou-o em aleijado, de tal modo que ele não se podia levantar da cama.** Gilgamesh receia, portanto, ter a mesma sorte de todos os antigos amantes da deusa e rejeita os favores que ela lhe oferece. **Mas não é apenas o mito de Ishtar que se assemelha assim à lenda de Semíramis; o culto da deusa era marcado por um desregramento que encontra eco no caráter licencioso que a tradição atribui à rainha.** Inscrições, que confirmam e complementam as evidências de Heródoto, nos dizem que **Ishtar era servida por prostitutas de três diferentes classes, todas dedicadas ao seu culto.** Na verdade, há motivos para se acreditar que essas mulheres personificavam a própria deusa, já que um dos nomes a elas dado é aplicado também a Ishtar. Assim, dificilmente podemos duvidar de que a **Semíramis mítica seja**

substancialmente uma forma de Ishtar ou Astarte, a grande deusa semita do amor e da fertilidade; e, se assim é, podemos supor, com uma margem pelo menos razoável de probabilidade, que o sumo pontífice de Zela, ou o seu representante, que desempenhava o papel de rei da festa Sacaea no santuário de Semíramis, **percia como um dos infelizes amantes da deusa, talvez como Tamuz, a quem ela fez "chorar a cada ano". Encerrada a sua breve e meteórica carreira de prazer e glória, seus ossos seriam colocados no grande túmulo que cobria os restos de muitos deuses mortais, seus antecessores, aos quais a deusa havia honrado com o seu amor fatal.**

O Messias um dia representará um dia todas essas realidades espirituais, deturpadas. A igreja será chamada a Noiva, que desprovida de divindade é convidada a participar da natureza divina. Ishitar é deusa, a Igreja é humana. Ela se unia a humanidade através da prostituição cultural. Deus se unirá a humanidade através de uma virgem pelo Espirito de Deus, sem uso de energia sexual. O Messias será o sacerdote e rei, de acordo com milhares de tradições mágicas, porém também será sacrifício e vida, sem necessitar de um substituto, um rei temporário, um escravo que assuma as suas funções para depois morrer. Ele que nasceu para ser rei caminha para o patíbulo da cruz sem aceitar seu livramento. Em vários povos a imagem do deus que morre ou do deus que precisa morrer é uma constante.

E também uma necessidade. Ao observar os ciclos da natureza e re-imaginar os deuses sobre a ótica da mortalidade humana, de suas paixões e dramas, o mundo mágico entendeu que a vida na terra dependia de que parte dos seus deuses deixassem de existir, mesmo que por um período. Fosse ao olhar as estações ou mesmo

o dia e a noite, o ocaso do sol, e o amanhecer. Compreendam que se seu deus morresse sua energia se derramaria sobre os grãos, e plantações e sobre a terra e ela seria a partir disso renovada. E que após esse 'derramar' de energia, fruto de sua morte, ele ressurgiria para dar continuidade a sua existência. Os cultos de lamentação da antiguidade por Osíris, Adonis, Tamuz, Hipólito ou Virbio, onde virgens choravam sua morte cósmica, são fruto dessa imaginação mágica. **Jesus cumprirá esse anseio imaginado, de modo espiritual.** Já estava no script. De certo modo as religiões declaram isso, elas possuem o germe da revelação divina, elas traduzem, ainda que dissimuladamente, todas elas, o que somente Cristo poderia realizar na cruz do calvário. O mundo mágico tem origem em coisas espirituais, mas que foram corrompidas pela maldade espiritual e humana. O mágico significa contato com entidades, poderes, seres espirituais que comunicam seus saberes, suas doutrinas, seus pensamentos com os seres humanos. Nenhum antropologista ousa passar do limite psicológico das práticas mágicas. Porém profetas ultrapassam esse limite. O que não foi escrito pelos etnógrafos é que o mundo do além, o mundo mágico possui VOZ. Há influência, há doutrinas, existe algo externo ao ser humano que lhe dirige as práticas mágicas. As possessões e os transe não são danças inocentes, nem rituais silenciosos. Os sacerdotes e feiticeiros ouvem e veem coisas, e são por visões, revelações, e vozes, orientados. O espiritual verdadeiro se perdeu num mundo de vozes malignas.

O pensamento mágico da humanidade e suas práticas de feitiçaria e magia, são fruto de desprezar as verdadeiras revelações divinas e as substituí-las pela doutrina dos espíritos, poderes, entidades e vozes. A religião humana nasce dessa rejeição de valores espirituais verdadeiros, e da substituição por uma espiritualidade corrompida. Então, quando as mulheres choram por Adonis, o choram pelo senhor errado. Porque suas religiões apontam para uma realidade que só possui significado em Jesus, que só se torna verdadeira na história da redenção.

Ali, no grande santuário da deusa em Zela, seu mito se traduzisse regularmente em ação: **a história de seu amor e a morte de seu divino amante eram dramatizadas ano a ano numa espécie de auto, por homens e mulheres que viviam por algum tempo, e por vezes morriam, no papel dos seres visionários aos quais personificavam.** A intenção desses dramas sagrados, podemos ter certeza, não era divertir nem instruir uma audiência ociosa tal como também não era seu objetivo gratificar os atores, a cujas baixas paixões davam rédeas durante algum tempo. **Eram ritos solenes que imitavam os atos de seres divinos, porque o homem imaginava que tal mímica lhe permitiria arrogar-se as funções divinas e exercê-las em benefício de seus semelhantes.** Na sua maneira de pensar, as operações da natureza eram realizadas por personagens míticas muito semelhantes a ele mesmo, e, **se lhe fosse possível assimilar-se aos deuses completamente, também seria capaz de dispor de todos os seus poderes.**

Foi esse, provavelmente, o motivo original da maior parte dos dramas religiosos, ou mistérios, entre os povos primitivos. Os dramas são encenados, os mistérios são representados, não para ensinar aos espectadores as doutrinas do credo, e menos ainda para diverti-los, mas com a finalidade de produzir aqueles efeitos naturais que são representados em disfarce mítico. Numa palavra, são cerimônias mágicas, e seu modo de operação é a mímica ou a simpatia.

O mistério da piedade é que Jesus realizará a dramatização suprema, para que através de sua morte a todos pudesse atrair para si. A cruz é então a apresentação espiritual mais significativa da história da religião da antiguidade, porque:

16Sem dúvida, grande é esse mistério da fé: Deus foi manifestado em carne, foi justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo e recebido acima na glória. I TM 3.16

Irá agregar em si todos os elementos espirituais nos quais os gentios bebiam, viviam, celebravam, cultuavam, acreditavam.

Jesus é sacerdote e rei, rei transitório e rei eterno, é justo e justificador, é de ascendência divina, derrama sua vida divina, sofre a paixão da morte pelo indigno, pelo órfão, pelo escravo, a quem chama para participar de sua realeza, ressuscita com autoridade, torna-se sacrifício e oferenda eterna, oferece sua carne e sangue como alimento e bebida espirituais, ele é o rei que enferma, apesar de ser o príncipe herdeiro que é perfeito, ele é deposto pelos seus para ser coroado pela obediência, ele assume a postura de um bode expiatório, deixa-se enfermar, ainda que possua a natureza divina, ele cumpre o desígnio da morte da divindade, e realiza o impossível que é tornar os que dele participam, imortais.

Provavelmente não erraremos ao supor que muitos mitos que hoje conhecemos apenas como mitos tiveram outrora sua contrapartida na mágica; em outras palavras, que costumavam ser representados como um meio de produzir na realidade os fatos que descreviam em linguagem figurativa. As cerimônias, com freqüência, desaparecem, ao passo que os mitos sobrevivem, e *cabe-nos deduzir a cerimônia morta a partir do mito vivo*. Se os mitos são, num certo sentido, reflexos ou sombras dos homens projetados nas nuvens, podemos dizer que esses reflexos continuam visíveis no céu e nos informam dos feitos dos homens que ali os projetaram muito tempo depois que os próprios homens não só estão fora do alcance de nossa visão, como também mergulhados para além do horizonte.

Jesus é a sombra divina projetada sobre a terra dos homens. Ele é o reflexo divino que projeta luz sobre a escuridão da psique e sobre os mitos do ser humano.

Frazer então encontrou um princípio, um elo que une as histórias míticas do Oriente.

“A conclusões a que chegamos em relação à lenda de Semíramis e de seus amantes são provavelmente válidas para todas as histórias semelhantes que circulavam na Antiguidade por todo o Oriente. Em particular, podemos supor que se aplicam aos mitos de Afrodite e Adônis, na Síria, e de Ísis e Osíris, no Egito. Se pudéssemos estabelecer as origens dessas histórias, talvez comprovássemos que, em cada caso, um casal humano representava, todos os anos, os papéis da deusa que ama e do deus que morre. **A liberdade concedida ao homem que desempenhava o papel do deus que morre na festa Sacaea fala vigorosamente em favor da hipótese segundo a qual, antes que a divindade encarnada encontrasse morte pública, podia ou devia gozar das carícias de uma mulher que desempenhava o papel da deusa do amor.** A razão dessa união forçada do deus e da deusa humanos não é difícil de adivinhar. **Se o homem primitivo acreditava que o crescimento das plantações podia ser estimulado pelas relações sexuais entre homens e mulheres comuns, que bênçãos enormes não esperaria ele do intercurso sexual de um par que sua imaginação investia de toda a dignidade e de todos os poderes das divindades da fertilidade?**

A festa judaica Purim possuía paralelo com a festa Sacaea, ou de Marduk, e outras festas semita na qual a característica principal era o sacrifício de um homem no papel de um deus, onde no mundo religioso da antiguidade encontramos vestígios do sacrifício humano sob formas mitigadas. Tal expectativa é plenamente confirmada pelos fatos, pois, desde há muito tempo, é costume, entre os judeus, na festa Purim, queimar, ou destruir de algum outro modo, efígies de Hamã. A prática era bem conhecida durante o Império Romano, pois, no ano 408 da nossa era, os imperadores Honório e Teodósio promulgaram um decreto determinando que os governadores das províncias impedissem **os judeus de queimarem efígies de Hamã crucificado durante uma de suas festas.** Esse decreto nos mostra que o costume era considerado como ofensivo pelos cristãos, que viam nele uma paródia blasfema

do mistério central de sua própria religião, sem desconfiar que se tratava apenas de uma continuação, sob forma moderada, de um rito que era provavelmente celebração no Oriente muito antes do nascimento de Cristo. Ao que tudo indica, o costume sobreviveu, de muito, à promulgação do édito, pois, numa forma de abjuração que a igreja grega impunha aos judeus conversos, e que parece datar do século X, o renegado tinha de dizer: "Amaldiçoio também os que celebram o festival do chamado Mordecai no primeiro *sabbath* [sábado] do jejum cristão, e que deveras pregam Hamã na árvore, juntando-lhe o símbolo da cruz e queimando-o juntamente com ele, enquanto lançam toda a sorte de imprecações e maldições sobre os cristãos".

Na festa Sacaea, portanto, o homem que personificava um deus ou herói do tipo de Tamuz ou Adônis desfrutava dos favores de uma mulher, provavelmente uma prostituta sagrada, que representava a grande deusa semita Ishtar ou Astarte, e, depois de assim desempenhar seu papel para assegurar, por meio da magia simpática, o renascimento da vida vegetal na primavera, era levado à morte. Podemos supor que a morte desse homem divino era lamentada pelos seus adoradores, e especialmente pelas mulheres, mais ou menos do mesmo modo pelo qual as mulheres de Jerusalém choravam por Tamuz às portas do templo e as moças sírias pranteavam Adônis morto enquanto o rio se tingia de vermelho com o seu sangue.

Esses ritos parecem, na verdade, ter sido comuns em toda a Ásia ocidental; o nome do deus que morria variava nos diferentes lugares, mas, em sua essência, o ritual era o mesmo. Fundamentalmente, o costume era uma cerimônia religiosa, ou antes, mágica, com o objetivo de assegurar o renascimento e a reprodução da vida na primavera.

O mundo mágico da antiguidade deturpou magistralmente os mistérios divinos. O livro de Hebreus declara:

1 Havendo Deus, desde a antiguidade, falado, em várias ocasiões e de muitas formas, aos nossos pais, por intermédio dos profetas, 2 nestes últimos tempos, nos falou mediante seu Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo o que existe e por meio de quem criou o Universo. ...

Os sacerdotes e profetas de diversos povos ouviram coisas corretas do Espírito de Deus, mas, devido a sua corrupção espiritual, moral, ética, a deturparam, a corromperam. Moldaram as visões que receberam, aos sonhos, segundo sua imaginação mágica. Sendo guiados por vozes estranhas e alheias, perderam-se.

Por isso existem diversas semelhanças com o evangelho, no que tange a SIMBOLOS, e extrema diferença no que tange aos seus significados. Seus atos mágicos são medonhos, suas práticas terríveis, contaminadas pelo medo, pelo egoísmo, pelo desejo sexual, pela magia. Sacaea era uma artimanha humana, para enganar a divindade, para enganar a comunidade, um rei se dizia parente da divindade, para ter direito a sucessão do trono. Jesus é verdadeiramente parente do Deus Vivo: "Eis meu filho Amado, a ele eu Ouvi" não necessita ser legitimado ao trono, porque já o foi antes de nascer, respondendo a Pilatos "dizes que sou rei e foi para isso que nasci e vim ao mundo". O rei unia-se a uma prostituta que fingia ser "tomada" pela divindade feminina. Jesus nasce de uma virgem, ama e resgata prostitutas, estabelece um padrão de conduta a partir de seu amor, não necessita de ato sexual ou coisa semelhante para unir-se a Deus, pois "Eu e o Pai somos um". O rei

necessitava de um substituto para que não morresse pelos pecados do povo. Jesus oferece-se como substituto pelos pecados da humanidade. A festa de Sacaea era para preservação da vida do rei através da condenação de um escravo qualquer. A paixão de Cristo era para justificação onde ele receberia a condenação para livramento de um escravo qualquer.

“ J Frazer continua: Ora, se essa interpretação da festa Sacaea é correta, é evidente que um aspecto importante da cerimônia está ausente nas breves informações sobre a festa que chegaram até nós. A morte do homem-deus está registrada, nada se diz, porém, da sua ressurreição. Mas, se ele realmente personificava um ser do tipo de Adônis ou Átis, podemos ter certeza de que sua morte dramática era seguida, após um intervalo mais curto ou mais longo, de sua ressurreição dramática, tal como nas festas de Átis e de Adônis a ressurreição do deus morto sucedia rapidamente a sua pretensa morte. Surge aqui, porém, uma dificuldade.

– Na antiguidade os gregos criaram sua própria variante do tema do deus que morria para depois renascer, seu nome era Adônis.

A versão mais generalizada da lenda conta que Afrodite obrigou Mirra a cometer incesto com o seu pai, Teias, o rei da Assíria, sem o conhecimento dele, com o objetivo de gerar um filho. Teias, quando descobriu, perseguiu-a, mas os deuses ajudaram-na a esconder-se, transformando-a numa árvore de mirra. Adônis, nascido da árvore, era um ser de uma beleza extraordinária. A deusa Afrodite recolheu-o no momento do nascimento e confiou-o a Perséfone, deusa do submundo. Perséfone ficou impressionada com a beleza da criança e, quando Afrodite foi buscá-la, aquela recusou-se a devolver-lha. A disputa entre as duas deusas foi levada perante o arbítrio de Zeus que decidiu que Adônis vivesse

uma metade do tempo no submundo, com Perséfone, e a outra metade, do tempo na Terra, com Afrodite. Outras versões da lenda dizem que Afrodite se apaixonou por Adônis e, temendo-lhe um destino trágico, tentou desencorajá-lo da sua paixão pela caça. Mas Adônis continuou a caçar e acabou por ser morto por um javali, ou um urso selvagem. Uma outra versão diz que foi um javali que abriu a árvore com as garras, libertando Adônis, o que seria uma premonição da sua morte. Esta teria, segundo uns, sido causada por Ártemis e, segundo outros, por Ares, o amante ciumento de Afrodite.

O culto de Adônis era celebrado em toda a Fenícia e, especialmente, em Biblos. Em Ghineh, ainda existe um monumento em sua honra, onde Adônis é representado com uma lança na mão, vigiando o animal que está prestes a atacá-lo, enquanto Afrodite aguarda, com ar de grande preocupação. Os Fenícios acreditavam que Adônis voltava todos os anos, a estes locais de culto, para ser mortalmente ferido e que o seu sangue tingia as águas do Rio Nahr Ibrahim, a que os gregos chamavam rio Adônis. O mito de Adônis está também ligado à origem da mirra e à origem da rosa, plantas que nasceriam de uma gota do seu sangue. – Adônis era assim o substituto grego oficial de Tamuz. E era chorado amargamente por uma multidão de mulheres, todos os anos.

Aqui há uma pista interessantíssima para compreensão da religião antiga. Além da adoração dos espíritos mortos, eram as histórias românticas protagonizadas pelos deuses. Eles protagonizavam histórias de amor da antiguidade. Milhares de mitos, transformados em cultos oficiais, cujas histórias divinas eram TRAGÉDIAS de amor.

Jesus refaz a história com um final feliz. Ele desconstrói a história mítica de todos os deuses da antiguidade, que ainda que “renascidos” permaneciam a “viver” no domínio dos mortos. Como fantasmas. Ao ressuscitar dos mortos e permanecer vivo eternamente, ele muda radicalmente o “choro em riso” conforme profetizado em Isaías. Já não haveria mais pranto, anual, todo ano esses deuses “morriam” para renascer, desde Osíris egípcio, mas Jesus morre uma única vez, para permanecer então vivo para todo sempre:

Apocalipse 1

...17Assim que o admirei, caí a seus pés como se estivesse morto. Então, Ele colocou sua mão direita sobre mim, e disse: “Não tenhas medo, Eu Sou o primeiro e o último. 18 Eu Sou o que vive; estive morto, mas eis que estou vivo por toda a eternidade! E possuo as chaves da morte e do inferno.

Ou seja, Adônis, Tamuz, Marduk, Osíris, com seus limitados recursos, fadados a um destino eterno de sofrimento de morte-ressurreição, num ciclo sem fim, são suplantados por aquele que venceu DEFINITIVAMENTE a morte, e de quebra ainda trancou o inferno tomando as chaves de quem quer que tivesse anteriormente seu domínio.

Na festa Sacaia o homem-deus morria realmente, e não apenas simbolicamente; e na vida normal, a ressurreição, mesmo de um homem-deus é, pelo menos, uma ocorrência excepcional. O que fazer? O homem, ou antes, o deus, estava indubitavelmente morto. Como fazê-lo voltar novamente à vida? É claro que a melhor, se não a única, maneira de fazê-lo era colocar um outro homem, vivo, como o deus renascido, e podemos imaginar que isso realmente

se fazia. **Podemos supor que as insígnias da realeza que haviam adornado o morto fossem transferidas para seu sucessor que, delas revestido, seria apresentado aos seus adoradores jubilosos como o deus renascido.**”

Jesus não necessita transferir suas insígnias para um novo rei. Porque voltou dos mortos para as usar, definitivamente.

Na medida que enxergamos os detalhes das celebrações aos deuses da natureza, da fertilidade e os ritos de legitimação dos reinos da antiguidade, nós vamos caminhando igualmente no aprofundamento da obra de Cristo.

Certo instante Jesus recebe as insígnias do rei morto, papel que ele mesmo representou alguns dias antes:

Mateus 28

...17 Assim que o viram, prostraram-se e o adoraram, mas alguns ficaram em dúvida.

18 Então, Jesus aproximando-se deles lhes assegurou: **“Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra.**

19 Portanto, ide e fazei com que todos os povos da terra se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ...

Ao lado do rei de babilônia, provavelmente estaria uma mulher, no papel de sua divina consorte, a deusa Ishtar ou Astarte. Em favor dessa hipótese, podemos observar que ela oferece ao mesmo tempo uma explicação clara e inteligível de um aspecto notável do Livro de Ester que até agora não foi, pelo que sabemos, esclarecido

adequadamente. Referimo-nos à aparente duplicação das principais personagens, para a qual já chamamos a atenção do leitor. Se estamos certos, Hamã representa o rei temporário ou deus mortal, que era morto na festa Sacaea; e seu rival Mordecai representa o outro rei temporário que, na morte de seu antecessor, era investido das insígnias reais e exibido ao povo como o deus renascido.

O livro de Ester é então uma história onde os ouvintes são convidados a tecer paralelos espirituais, vendo a atuação milagrosa de Deus de um modo diferente.

As figuras da deusa ao lado do consorte divino também encontram eco na representação da Igreja glorificada, quando a Noiva do Cordeiro se torna participante de sua natureza e de sua glória. Essa representação de uma "rainha" para Cristo é também tema de Apocalipse que a mostra vestida de sol, tendo a lua por seus pés e coroada com estrelas.

Apocalipse 12

1 E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.

Da mesma forma, Vasti, a rainha deposta na narrativa, corresponde à mulher que desempenhava o papel de rainha e deusa do primeiro rei simulado, Hamã, e sua bem-sucedida rival, Ester ou Ishtar, corresponde à mulher que figurava como a divina consorte do segundo rei simulado, Mordecai ou Marduk. Vimos que o rei simulado da festa Sacaea realmente tinha o direito de usar as concubinas reais. No ritual paralelo de Adônis, o casamento da deusa com seu malfadado amante era comemorado publicamente no dia anterior ao de sua pretensa morte.

Uma reminiscência clara da época em que a relação entre Ester e Mordecai era considerada como muito mais íntima do que um mero parentesco parece estar preservada em algumas das peças judaicas representadas na festa Purim, nas quais Mordecai aparece como amante de Ester, e essa indicação significativa é confirmada pelo *ensinamento rabínico segundo o qual o Rei Assuero nunca conheceu Ester realmente, mas sim um fantasma a ela semelhante que com ele se deitava, enquanto a verdadeira Ester estava nos braços de Mordecai.*

Importante frisar:

A festa de Ester será deturpada em seu sentido original nos escritos talmúdicos, ou rabínicos e pela tradição pagã que a contamina.

Haverá, infelizmente, um processo de aculturação de práticas pagãs pelo judaísmo, a influência grega dará origem ao movimento filosófico dos saduceus que liam as Escrituras como se fosse um tratado moral desprezando o sobrenatural, dará origem a geração das fábulas judaicas com a incorporação do assombroso dos povos e histórias de monstros diversos, tais como da vampira Lilith, festas sagradas serão paganizadas nos carnavais medievais que vulgarizariam as festas de Purim e as festas de Benjamim onde o religioso daria lugar ao lúdico e essa influencia do mundo mágico originaria ainda *o retorno ao mágico*, quando, pasmem, magos israelitas criariam uma tradição esotérica da bíblia, o KABALA, que é o uso das Escrituras hebraicas de modo místico e mágico.

O processo similar contaminará a ortodoxia católica, as crenças, as práticas inundando a igreja romana de práticas mágicas, festas aos deuses romanos incorporadas e diversas tradições mágicas dos

celtas, e dos povos da antiga Europa incorporando tradições mágicas heréticas à tradição eclesiástica.

A relação de Mordecai com Ester é pura, é de afeição, respeito e carinho entre um tio que em meio a tremendas dificuldades criou sua sobrinha, em nenhum momento é insinuado qualquer outro tipo de envolvimento na história. A integração do pensamento mágico da antiguidade pode ser analisada pelas comemorações populares européias da primavera.

Se a interpretação desses costumes por J Frazer estiver certa, o contraste entre o verão e o inverno ou entre a vida e a morte, que figura em efígies ou nas pessoas dos representantes vivos nas cerimônias da primavera dos camponeses europeus, é fundamentalmente um contraste entre a vegetação decadente ou morta do ano velho e a vegetação que desponta no novo ano - um contraste que nada perderia de seu vigor se, como ocorria na Roma antiga, na Babilônia e na Pérsia, o início da primavera fosse também o início do novo ano.

Nessas cerimônias, e em todas as examinadas no Ramo de Ouro, o antagonismo não se processa entre poderes de uma ordem diferente, mas entre os mesmos poderes, vistos sob diferentes aspectos, como o velho e o novo. Trata-se, em suma, do eterno contraste entre a juventude e a velhice. E assim como o poder ou o espírito da vegetação é representado, no ritual religioso e no costume popular, por um par humano, seja ele chamado de Ishtar e Tamuz, de Vênus e Adônis, ou de a rainha e o rei de maio (das celebrações da natureza européias), assim também podemos esperar encontrar o velho e decrépito espírito do ano anterior personificado por um par e o novo e fresco espírito do novo ano por outro par.

Os dois parecem representar as forças da fertilidade das plantas e talvez também dos animais. Ambas as forças, na hipótese de Frazer, eram personificadas não apenas no mito, mas também no costume, pois, ano após ano, um casal humano tinha a tarefa de intensificar a vida da natureza graças a uma união na qual, como num microcosmo, as vidas das árvores e das plantas, das ervas e das flores, dos pássaros e dos animais estariam resumidas de alguma maneira mística. Originalmente, podemos conjecturar, esses casais exerciam suas funções por todo um ano, e, quando este terminava, o homem — o rei divino — era morto; mas, nos tempos históricos, parece que, em geral, o deus humano — Saturno, Zoganes, Tamuz, ou qualquer que fosse seu nome — desfrutava de seus divinos privilégios e desempenhava os seus deveres divinos apenas durante uma certa parte do ano.

Essa redução de seu reinado na terra foi provavelmente introduzida na época em que as antigas divindades hereditárias, ou reis divinizados, conseguiram transferir a parte mais penosa de seus deveres a um substituto, fosse ele um de seus filhos, um escravo ou um malfeitor. Tendo de morrer como um rei, era necessário que o substituto também vivesse como um rei por algum tempo. Mas o monarca verdadeiro naturalmente trataria de restringir aos limites mais estreitos possíveis tanto o tempo como o poder de um reinado que, enquanto durasse, necessariamente constituía uma invasão, e mesmo uma anulação, de seu próprio reinado.

O que acontecia à companheira do rei, a deusa humana que partilhava de seu leito e transmitia suas energias benéficas ao resto da natureza, não podemos dizer. Pelo que sabemos, são poucas, ou nenhuma, as evidências de que ela, como ele, era também morta quando sua função primordial estava concluída. A natureza da maternidade sugere uma razão óbvia para que lhe fosse

poupada a vida por mais um pouco, até que aquela lei misteriosa que liga a vida da mulher aos aspectos cambiantes do céu noturno tivesse sido cumprida pelo nascimento de um deus menino, que, por sua vez, crescesse, talvez, à sombra de seus ternos cuidados, para viver e morrer pelo mundo.

O livro de Ester então caminha dentro de uma pedagogia espiritual, tratando coisas espirituais com a doçura corriqueira do Espírito de Deus, para que mentes e corações dos povos medos, persas, babilônicos e assírios pudessem ter uma base de comparação, a partir de sua vivência com as celebrações da fertilidade e da natureza. Cristo que é o cumprimento do livro de Ester então reunirá todas as figuras mágicas envolvidas, unindo a natureza divina à natureza humana, do mesmo modo como o casamento sagrado unia a natureza humana à natureza vegetal. O livro de Cantares, através de Sunamita, dançará, literalmente sobre um cenário primaveril, sobre a beleza dos campos para através de uma história de amor contar a história do amor divino pela humanidade, de Deus pelo seu povo e de Cristo por sua Igreja.

Muito além, muito além de Sacaea

Wellington Corporation